

DESEJO INSATISFEITO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTERIA SEGUNDO A PSICANÁLISE

DISSATISFIED DESIRE: CONSIDERATIONS HYSTERIA BY PSYCHOANALYSIS

FRANCIELI BRUNHEIRA PEREIRA^{1*}, ANDRÉ LUÍS SCAPIN²

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Ingá; 2. Mestre em Psicologia. Psicanalista. Professor na graduação de psicologia da Faculdade Ingá

* Rua Erminia Bozelli Driussi, 122, Centro, Ângulo, Paraná, Brasil. CEP: 86755000. framon.angulo@hotmail.com

Recebido em 16/07/2015. Aceito para publicação em 27/07/2015

RESUMO

O desejo insatisfeito na histérica é muito recorrente, já que tudo o que ela não quer é deparar-se com a falta, e o medo de vivenciar a possibilidade de um gozo pleno, uma satisfação absoluta, que a destruiria enquanto sujeito. O histérico transforma a realidade em fantasia e erotiza tudo a sua volta, erotiza não na questão de coito, do ato sexual em si, nem relaciona com pornografia, mas os gestos dos outros são interpretados pela histérica como sexuais, voltados à erotização, e a masturbação. Assim, ao oferecer-se ao outro nunca é pensando na relação sexual, pois isto raramente acontece; geralmente a relação sexual é encarada pela histérica como nojo, e Freud já dizia, que em casos de mulheres que manifestam nojo da relação sexual pode afirmar tratar-se de histeria. Desta forma, nosso objetivo é explorar que considerações são elencadas pela Psicanálise quanto ao desejo histérico e sua insatisfação, assim como descrever as características que pautam a constituição da Histeria; Caracterizar aspectos do desejo da histérica segundo a psicanálise; Discorrer sobre a relação da histérica com a sexualidade; Analisar a relação entre a satisfação por meio da insatisfação na histeria, por meio de uma pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Histeria, Desejo insatisfeito, Psicanálise.

ABSTRACT

The unsatisfied desire in hysteria is very applicant, since all she want, not come across the missing, and the fear of experiencing the possibility of an absolute satisfaction, could destroy it subjectively. The hysterical transforms reality into fantasy and eroticises everything around, eroticises not in the matter of intercourse, the sexual act itself, or as something pornographic, but the gestures of others are interpreted through the hysterical as sexualized, and eroticized. Thus, offer to the other is never thinking of intercourse as this rarely happens; usually sexual intercourse is seen as hysterical revulsion, and Freud once said, that in cases of women expressing disgust with sex it is hysteria. In this way, us aim are to explore which

considerations are listed by psychoanalysis as the hysterical desire and dissatisfaction, as well as describe the characteristics that guide the formation of hysteria; Characterize aspects of the hysterical desire according to psychoanalysis; Discuss the relation of hysterical with sexuality; Analyze the relationship between satisfaction by dissatisfaction in hysteria, through a literature search.

KEYWORDS: Hysteria, unsatisfied desire, psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como tema a histeria e o desejo insatisfeito, segundo os pressupostos psicanalíticos. Busca-se responder ao questionamento sobre quais as considerações elencadas pela psicanálise quanto ao desejo na histeria, assim como a via da insatisfação presente nos âmbitos de relacionamento, na sexualidade, e no sentimento de inadequação diante dos vieses da vida.

Assim, através da exploração das produções literárias dos teóricos da psicanálise quanto ao tema, levantou-se as informações que competem à histeria e o desejo insatisfeito. O trabalho descreve, ainda que sucintamente, a estruturação histérica, caracteriza o desejo histérico, as questões quanto a sexualidade, já que esta se apresenta de modo tortuoso e paradoxal.

As questões problemáticas históricas estão intimamente relacionada com a via da insatisfação, já que satisfazer-se pode ser considerado um passo para a morte, enquanto ser, conforme demonstrado no excerto: “o problema histérico é, antes de mais nada, seu medo, um medo profundo e decisivo, jamais sentido, mas atuando em todos os níveis de seu ser; um medo concentrado num único perigo: o fato de gozar”¹.

A presente pesquisa justifica-se pois considera-se fundamental estudar a histeria, quando se há um interesse em psicanálise, já que tal estrutura neurótica é concebida como precursora, senão, fundadora da psicanálise. Busca-se, portanto, compreender sobre a histeria e a via

da insatisfação, em que o sujeito se engaja, em quaisquer áreas da vida.

Freud começou a pensar em sintomas, em inconsciente a partir das históricas de sua época no Salpêtrière, juntamente com o psiquiatra Charcot, que já se dedicava ao estudo pela via biológica. Um tema tão imprescindível na teoria psicanalítica merece e deve ser esmiuçado, já que as manifestações do inconsciente são atemporais.

Estudar a histeria é de extrema relevância, pois trata-se de um tema chave para a abordagem psicanalítica, logo explorar a relação histórica com a sexualidade e a via da insatisfação histórica, é debruçar-se sobre um assunto que por mais seja centenário não envelhece jamais, sendo considerados um dos pilares da construção teórica psicanalítica.

O trabalho é voltado à profissionais da psicologia, mas também e principalmente a estudantes que buscam entender mais sobre a histeria, suas características, as questões sintomáticas, a constante insatisfação e como a histórica se relaciona com sua sexualidade. Deste modo, espera-se que a pesquisa possa vir a ser um meio de embasar demais trabalhos relacionados à histeria, orientando e oferecendo respaldo a temas da psicanálise com o intuito de propagar ainda mais os estudos psicanalíticos sobre a estrutura neurótica histórica.

Assim, busca-se responder: Qual o caminho estrutural da histeria? Como esta está implicada na vida do sujeito? Por que satisfação histórica se dá pela insatisfação? Como é a relação do sujeito histórico com a sexualidade? Enfim, são os objetivos propostos no trabalho que se segue.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento de dados foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, em que os mesmos foram encontrados na literatura existente sobre o tema pretendido, a histeria. Foram utilizados livros e artigos científicos disponíveis em banco de dados como Scielo, Revistas eletrônicas de universidades conceituadas, Teses de Mestrado e Doutorado, assim como livros de autores clássicos como Freud, Nasio, Andre, Birman.

Gil (2002, p. 43)² aponta que, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Esclarece ainda que praticamente todos os trabalhos científicos sejam realizados a partir de um respaldo teórico, existem trabalhos em que são exclusivamente utilizados esse meio para a coleta de informações.

3. DISCUSSÃO

3.1 Conceito de histeria na psicanálise

A palavra histeria é de origem grega derivada de *hystera* que significa *útero* e se referia a perturbações uterinas, ou seja, uma perturbação exclusiva da mulher, Rangel (2008, p. 58)³ pontua que,

A histeria é uma questão de mulheres, ou melhor, das parteiras. Estas acumulam o saber sobre a arte de colocar no mundo crianças, sobre os mistérios da infância, sobre o sexo da mulher e as doenças que o acometem. Desta forma, duas características eram associadas: déficit funcional de um órgão sexual e déficit relativo às mulheres.

Ou seja, durante a antiguidade a histeria era exclusiva de mulheres, o que não se diferenciou do final do século XIX, em que Charcot, psiquiatra francês, estudava as manifestações clínicas das históricas no hospital de Salpêtrière, conhecido como hospital de mulheres³.

Charcot aprofunda seus estudos desmistificando a causalidade da psicopatologia como sendo exclusivamente feminina, e começa a se dedicar em profundidade aos sintomas através da hipnose. “Charcot afirma a autenticidade e a objetividade dos fenômenos históricos, dando dignidade à histeria e indo contra os preconceitos e a suposição de que esses fenômenos eram somente uma simulação dos doentes”³.

Roudinesco & Plon (1998, p.340)⁴ ressaltam um ponto importante em que a histeria converge com a sexualidade na teoria Freudiana,

Entre 1888 e 1893, portanto, Freud forjou um novo conceito de histeria. Retomou de Charcot a ideia da origem traumática. Todavia, pela teoria da sedução, afirmou que o trauma tinha causas sexuais, sublinhando que a histeria era fruto de um abuso sexual realmente vivido pelo sujeito na infância.

Os autores ainda pontuam que muitos teóricos no final do século XIX compartilhavam desta mesma teoria, da relação eminente entre a sexualidade e a histeria, porém, nenhum deles sabiam a forma com que teorizariam sobre a questão, e foi Freud que resolveu tal dilema⁴.

Nos Estudos sobre a histeria, obra magistral, tanto por sua contribuição teórica quanto pela exposição clínica dos casos patológicos, propuseram-se os grandes conceitos de uma nova apreensão do inconsciente: o recalçamento, a ab-reação, a defesa, a resistência e, por fim, a conversão, graças à qual tornou-se possível compreender como uma energia libidinal se transformava numa inervação somática, numa somatização dotada de uma significação simbólica.

Ou seja, além de conceitos fundamentais para a psicanálise Freud trouxe a luz, a forma com que os sintomas neuróticos eram apresentados nos pacientes, sendo como consequência de conteúdos provenientes do inconsciente que acarretavam as paralisias, cegueiras das históricas.

Freud (1905, p. 155)⁵, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, define os sintomas históricos com: “um substituto – uma transcrição, por assim dizer – de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto, aos quais, mediante um processo psíquico especial (o recalçamento), nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência”. Ou seja, a ação o recalçamento age de modo severo sobre os desejos históricos, e como modo de compensação são dispostos em sintomas, pois há aí, um meio de encontrar

em algum nível a satisfação do desejo, entretanto, ao custo sintomático.

Entretanto para o entendimento da histeria é preciso à compreensão da forma da constituição neurótica de forma breve e sucinta, já que os propósitos não são esgotar o assunto.

3.2 Constituição psíquica da histeria

A constituição do sujeito se dá em meio à lógica fálica, ou seja, em um primeiro momento a mãe toma a criança como seu tudo, como o que a completa, sendo a criança seu falo (aquilo que completa a mãe). Este é o primeiro tempo do Édipo⁶.

Nesse primeiro momento do Édipo, a criança é pois, o falo, isto é, o desejo do desejo da mãe; ela se identifica com a mãe identificando-se como objeto de seu desejo. É nesse sentido que a criança não pode ainda ser vista como um sujeito, mas como falta, ou, melhor ainda, como complemento da falta da mãe⁶.

Este primeiro tempo do conflito edipiano se inicia o desejo da criança de ser o objeto de desejo da mãe, o que leva à identificação da criança com o falo, com aquilo que supostamente completa a mãe, o que chamado por Lacan narcisismo primário, situação em que o bebê “tampona” a falta da mãe, situação de completude narcísica, de ser tudo para o Outro⁷.

No segundo tempo há a intrusão de um terceiro (pai imaginário) que interdita a mãe e frustra a criança, Barretta, (2012, p. 162)⁷ aponta que, “Nesse momento, nos casos favoráveis, intervém a castração, isto é, o pai intervém, retirando a criança da situação de ter que satisfazer a falta materna, retirando-a da situação cativa em que se encontrava, rompendo o par narcísico”.

Isto é, diz à mãe que ela não pode usar seu filho, que ele não a completa e que este filho não pode ser tudo para sua mãe, a criança se vê em um impasse em que se ela não é o falo, se a mãe não é completa, este outro que a mãe deseja deve ser ou ter este falo, o que conduz a criança ao terceiro tempo do Édipo que a constitui como neurótica, o pai simbólico lhe apresenta a Lei da proibição (Lei do pai), Garcia-Roza (1985, p. 223)⁶ explana que, “é essa interiorização da lei que possibilita à criança constituir-se como sujeito. É o momento em que a criança, ao ser separada da mãe pelo interdito paterno, toma consciência de si mesma como uma entidade distinta e como sujeito e é introduzida na ordem da Cultura”.

Isto é, afirmando que ninguém tem o falo, possibilitando a criança desejar e buscar na cultura objetos que supostamente satisfaria seu desejo.

Assim a condução a castração é sentida por cada indivíduo de uma forma, por um lado o temor de que a castração falte (neurose obsessiva) e o sentimento de ter sido castrado em demasia (histeria), levando os sujeitos a sintomas e características de discurso muito particulares em suas estruturas.

3.3 Histeria e a relação com o desejo: insatisfação e desejo insatisfeito

A lógica da estrutura histérica vai se dá neste momento da passagem de ser o falo (aquilo que completa a mãe) ao ter o falo, quando a criança se dá conta de que não o é, e que alguém o possui. Dor (1991, p. 65-66)⁸ acentua sobre tal lógica, “insisto particularmente neste reviramento da dialética do ser ao ter na organização da estrutura histérica [...] O jogo histérico é por excelência, a questão desse “passo a dar” na assunção da conquista do falo”. Logo, na histeria vai se buscar constantemente a conquista deste falo, a reivindicação do mesmo, pois julga que foi injustamente privada de tê-lo.

As características estruturais da histeria começam a partir desta dialética, o fato de ver a castração como um dano imaginário, o que a leva constantemente tentar buscar e reivindicar aquilo que julga ter sido desapropriada, o falo⁸.

Então se o sujeito julga-se injustamente privado de possuir o falo, ele só delega a questão do seu desejo àquele que supostamente o tem, logo seu desejo fica alienado ao desejo do Outro, esperando que este possua as respostas sobre o desejo, Conforme explicita Dor (1991, p. 69)⁸

Se, fundamentalmente, o objeto do desejo edipiano, o *falo*, é aquilo de que o histérico se sente injustamente privado, ele não pode delegar a questão de seu desejo a não ser àquele que é suposto tê-lo. Neste sentido, o histérico não interroga a dinâmica de seu desejo senão junto ao Outro, que é sempre suposto deter a resposta ao enigma da origem e do processo do desejo em questão.

Em outras palavras, ele se anula para realizar o desejo do Outro e sempre colocar-se a serviço deste, assim como defender as ideias do Outro, por entender que este possui algo a mais e se engaja á esse “sacrifício”, “abdicar alguma coisa de seu próprio desejo em benefício de um outro”⁸. O que na verdade, é uma via para manter seu desejo insatisfeito, pois satisfazê-lo é aceitar não ter o falo, e não poder possuí-lo é se defrontar com a castração⁸.

Como aponta Crüxen & Bitar (2010, p. 154)⁹ “A relação que a histérica estabelece com o seu desejo merece maiores considerações, tendo em perspectiva que seu objeto de desejo visa à insatisfação, sendo por essa via, satisfeito”.

Nasio (199, p. 16)¹, no livro “A Histeria”, explana quanto ao desejo insatisfeito da histérica, como sendo este um meio para protegê-la da angústia de vivenciar o gozo pleno e absoluto, o gozo que a enlouqueceria, que a aniquilaria enquanto sujeito, e salienta que, pouco importa que ele imagine esse gozo máximo como gozo do incesto, o sofrimento da morte ou da dor da agonia; e pouco importa que imagine os riscos desse perigo sob a forma de loucura, da dissolução ou do aniquilamento do seu ser: o problema consiste em evitar a qualquer preço

qualquer experiência que evoque de perto ou de longe um estado de plena e absoluta satisfação.

Então, para afastar toda e qualquer possibilidade de gozo pleno, que fantasiosamente o destruiria, inventa e mantém toda fantasia possível que prove a si mesmo que só existe a insatisfação, já que a satisfação, representa ao sujeito histérico, o perigo de que um dia possa vir a gozar de tal modo que o leve à morte.

“O problema histérico é, antes de mais nada, seu medo, um medo profundo e decisivo, jamais sentido, mas atuando em todos os níveis de seu ser; um medo concentrado num único perigo: o fato de gozar”¹.

Portanto, esta fantasia obstina-se sobre a vida real e psíquica do histérico, tal recusa ao gozo e à satisfação repercutem na vida do sujeito em diversos âmbitos, na busca pela perfeição, nos relacionamentos afetivos e sexuais, e nas queixas constantes de inadequação.

Dor (1991, p. 72)⁸ acrescenta que,

[...] o histérico se viu frequentemente como não tendo sido amado o bastante pelo Outro, como não tendo recebido todas as provas de amor esperadas da mãe. Esta frustração de amor inscreve-se sempre em referência ao jogo fálico. O histérico investe-se assim, nesta frustração, como um objeto desvalorizado e incompleto, ou seja, como um objeto derrisório para o desejo da mãe face ao que poderia ser, pelo contrário, um objeto completo e ideal: o falo.

De tal forma que sempre vai buscar se colocar nesta posição de ser tudo, de mobilizar o desejo do Outro receber seu investimento e poder restituir seu narcisismo. “Todas as oportunidades de sedução em que o histérico pode se engajar apóiam-se sobre este “brilho fálico”. Com efeito, na histeria, a sedução é sempre fundamentalmente colocada a serviço do falo, mais do que é colocada a serviço do desejo”⁸.

Entretanto, é apenas um “jogo” para atrair este investimento, e se colocar na posição de algo ideal, maravilhoso, pois o jogo termina a partir do momento em que o Outro quer colocá-lo como objeto de seu desejo. Assumir esta posição é degradante ou conforme aponta Rangel, (2008, p. 91)³, “para aquela mulher que ocupa a posição histérica, ocupar o lugar de objeto lhe é difícil para a histérica [...]”, ou seja, ela se mostra ideal, mas não aceita ser colocada como objeto de satisfação para o Outro. Conforme ressalta André (1987, p. 88)¹⁰ “[...] o insuportável é a posição passiva, a posição de objeto entregue ao gozo do Outro”.

[...] trata-se mais de fortalecer a identificação imaginária do falo do que desejar o outro. Apesar e contra tudo, é preciso fazer desejar o outro, fazer-lhe desejar este objeto fascinante que se dá a ver como o objeto que poderia preencher sua falta. Mas importa mais ainda deixar o outro em suspenso nesta mobilização⁸.

A revolta quanto à castração leva a menina a investir no corpo como sendo o falo, colocando-o como primeiro plano nos sintomas quanto no exibicionismo do mesmo¹¹.

Se durante os estudos de Freud as históricas possuíam como sintomas as paralisias, cegueiras, relacionados com a sexualidade reprimida, atualmente os sintomas aparecem por outros vieses, mas ainda possuem a relação íntima com a sexualidade.

Freire (2002)¹², esclarece que em casos de histeria há uma forte tendência em histericizar o mundo, erotizando qualquer expressão humana, que não seja de forma direta sexual, porém, não visa à relação sexual, embora, produza sinais e se mostram a sexualidade, mas raramente é a cometida pelo ato sexual em si.

Nasio (1991, p. 17)¹ descreve que na estrutura histérica não há a percepção dos objetos internos e externos da forma como costumeiramente é percebido, mas há a transformação da realidade pela fantasia, e define a histericização como, “erotizar uma expressão humana, seja ela qual for, embora para si só, intimamente, ela não seja de natureza sexual – das quais não necessariamente tem consciência –, de qualquer gesto, qualquer palavra ou qualquer silêncio que perceba no outro ou que dirija ao outro”.

Portanto, a sexualidade e a erotização, tratada em histeria, por mais que possua o caráter sexual e sensual, não refere-se estritamente a vulgarização ou a pornografia, mas aos gestos sexuais que podem desencadear a um orgasmo auto-erótico¹.

De fato, convém entender que a sexualidade histérica não é, de modo algum, uma sexualidade genital, mas um simulacro de sexualidade, uma pseudogenitalidade mais próxima das apalpadelas masturbatórias e brincadeiras sexuais infantis do que um compromisso real no sentido da concretização de uma verdadeira relação sexual¹.

Na histeria há a evocação de sinais sexuais, mas que raramente levam ao coito, os sinais sexuais são de mais valia ao histérico do que o próprio ato, pois o único gozo para ele é o gozo masturbatório, mas convida o outro a acreditar que seu desejo é o caminho do ato sexual propriamente dito, enquanto que fantasiosamente (inconscientemente) deseja pela não realização do ato, e mantém o desejo pela insatisfação¹.

Há geralmente, segundo Freud (1996 [1905], p.37)¹³, desordens sexuais na vida do histérico, esta consiste em uma inibição genital e muitas vezes o nojo pela conjunção carnal, e oposição e rejeição a sexualidade. E descreve que, “tomaria por histeria sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual provoque nojo, quer essa pessoa apresente ou não sintomas sintomáticos”. Assim, os sintomas relacionados à sexualidade, tais como, “impotência, ejaculação precoce, o vaginismo ou a frigidez”, são típicos distúrbios da vida sexual do histérico.

Nos casos de histeria feminina há, segundo o autor, um contraste entre as aventuras amorosas e o sofrimento causado diante da inibição durante o ato sexual, há a recusa em se abrir, embora ela se ofereça, ela não se entrega, devido ao medo da perda da virgindade funda-

mental e a experiência em gozar plenamente. Nasio (1991, p. 45)¹ discorre que, “mesmo vivendo uma relação carnal aparentemente feliz com um homem, a histórica pode se recusar a se abrir – quase que sem sabe-lo, mas resolutamente – para a presença sexual do corpo do outro”.

Assim, devido esta recusa ao entregar-se, volta-se ao chamado princípio da insatisfação, que além de acometer a vida sexual, transpassa a vida cotidiana com a sensação de inadequação, e a busca incessante pela perfeição.

Cabe perfeitamente salientar, portanto, a insatisfação constante consigo mesma, sentindo-se sempre inadequada, como se algo lhe faltasse, buscando sempre a perfeição de um corpo que nunca é alcançada¹². Isto é, não é raro de ser ver em nossa atualidade tais sintomas, mulheres que a todo custo em busca de ser um ideal de perfeição se submetem a dezenas de cirurgias plásticas ou realizam dietas exageradas, ou viram escravas os cosméticos na busca do ideal perdido. Conforme aponta Silva e Rey (2011, p. 564), “Assim, para a mulher, investir no próprio corpo é uma forma de (re) significá-lo, de atribuir-lhe valor e de ludibriar a referência à castração”.

Assim, Pimentel (2008, apud SILVA E REY, 2011, p. 565)¹¹ “[...] deixa o corpo a mercê do imperativo da perfeição estética como condição fundamental para ser feliz”, de modo que adia a felicidade e a satisfação, já que tal perfeição é jamais alcançada, é apenas um meio para a manutenção da insatisfação.

4. CONCLUSÃO

A histeria é considerada como precursora da história da psicanálise, pois foi por meio dos experimentos com históricas que Freud desenvolveu sua teoria. E passado mais de um século da criação da psicanálise, a histeria continua em alta, obviamente com características e sintomas diferentes daqueles apresentados pela histórica do século XIX, hoje a histeria apresenta-se com a profunda insatisfação que tange vários aspectos da vida, seja ele profissional, sexual, e pessoal.

A pesquisa me possibilitou realizar alguns questionamentos acerca da grande insatisfação com os atributos físicos que homens e mulheres demonstram, cada vez mais pautado naquilo que a mídia propaga, e exige como belo e perfeito, em contrapartida, há um grande número de pessoas vítimas desse desejo pela perfeição, fazendo atrocidades com o próprio corpo com o objetivo de um ideal inalcançável, ideal este que pode muito bem estar relacionado com o primeiro tempo do Édipo, em que a criança é o ideal, é o tudo, a imagem da perfeição para sua mãe.

Desta forma, com mais de um século de história, a histeria continua de certo modo atual, no discurso daqueles que se julgam autossuficientes, e que se entregar a uma relação dual é impensável, já que imaginariamem-

te isso a tiraria desta posição de completude, já que aceitar ser objeto causa de desejo de um Outro, é deparar-se com a falta, é confrontar-se de que precisa do outro, logo, não existe exemplo melhor, do que o que vemos diariamente, pessoas que em prol de um ideal, do não pseudo-assujeitamento, levantam a bandeira da autossuficiência.

Por outro lado cada vez mais tem-se as queixas de insatisfação sexual, impotência, dificuldades de relacionamento, grande número de divórcios ou simplesmente aqueles que abstenham-se de dividir uma vida com alguém, penso que o tal individualismo apresentado por meio de uma sociedade capitalista está relacionado com a histeria, já que a insatisfação é a característica sintomática mais marcante da histeria, e manter seu desejo insatisfeito é defendido a todo custo.

REFERÊNCIAS

- [1] Nasio JD. A histeria: teoria e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- [2] Gil AC. [1946]. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- [3] Rangel MBS. Histeria e Feminilidade. Dissertação de mestrado. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_psicanalise/19-histeria_e_feminilidade.pdf Acesso em: 25 jun. 2014.
- [4] Roudinesco E. Plon M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- [5] Freud S. [1905] Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 7, Rio de Janeiro: Imago, 2010.
- [6] Garcia-Roza LA. Freud e inconsciente. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- [7] Barretta JPF. O complexo de Édipo em Winnicott e Lacan. Revista: Psicologia USP, nº1, vol. 23 p. 157-170, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642012000100008&script=sci_arttext> Acesso em : 29 jun. 2014.
- [8] Dor J. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus- Timbre, 1991.
- [9] Crüxen OS, Bitar LMFAS. Os (re) encontros históricos: considerações acerca da relação de objeto em Freud e Lacan. Revista: Psicanálise e Barroco. Vol. 08, nº 1, p. 148-158, Ceará, 2010. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/15/P%26Brev15CruxenBitar.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2014
- [10] André S. O que quer uma mulher? Traduzido por Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- [11] Silva HC. Rey S. A beleza e a feminilidade: Um olhar psicanalítico. Revista: Psicologia ciência e profissão. Vol. 31, nº 3, p. 554-567, Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300009. Acesso em: 12 jun. 2014.
- [12] Freire L. A histeria e a beleza: uma expressão no contexto cultural da atualidade. Revista: Psicologia ciência e

profissão. Vol. 22, n° 3, Brasília, 2002. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000300011 . Acesso em: 12 jun. 2014.

- [13] _____. [1905] Fragmentos de um caso de Histeria. In. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 7, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

